

Representação feminina nas reportagens da Revista Continente: uma análise interseccional¹

Iasmim Sousa Silva²

Tamires Ferreira COELHO³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Esta análise busca compreender que forma a representação feminina acontece em duas reportagens especiais da revista Continente a partir dos indícios da construção do seu contrato comunicativo (Verón, 1985) e dos tensionamentos da perspectiva interseccional (Crenshaw, 2002). Entende-se que a Continente é um importante produto do jornalismo cultural que apresenta, ao longo da sua história, temas relevantes e socialmente engajados. No entanto, as discussões acabam não relacionando as dinâmicas de opressão, discriminação de raça, classe e a desigualdade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Cultural; Jornalismo de Revista; Contrato Comunicativo; Revista Continente; Representação feminina.

Investigar como revistas recortam a realidade e expressam características culturais de um período torna possível identificar indícios a respeito da forma certos grupos minoritários são vistos pela sociedade e representados na mídia. Nesse sentido, Daisi Vogel (2013) pensa os conceitos de tempo das imagens, das montagens e o anacronismo presentes em produções jornalísticas de revista, capazes de construir uma memória coletiva. É através da seleção de temas, fotografias e fontes que se pode entender como um veículo estabelece o contrato comunicativo (Verón, 1985) com seus leitores. A partir dessa compreensão, buscamos, neste estudo, compreender como ocorre a representação da mulher e do que é atribuído como “feminino” em duas coberturas especiais da revista Continente. É importante ressaltar que, com o intuito de atualizar as discussões já levantadas por Verón, foi utilizado o aparato teórico-metodológico do contrato

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Política e Cidadania, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFMT e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq, email: iasousasilva12@gmail.com.

³ Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da UFMT, email: tamires.coelho@ufmt.br.

comunicativo interseccional (Mustafé; Coêlho, 2022) a fim de articular tensionamentos levantados pela perspectiva interseccional (Côrrea et al, 2018).

A *Contínente* é uma revista especializada em jornalismo cultural, foi criada em Pernambuco e desponta como um grande nome do jornalismo sobre arte e cultura no cenário nacional, especialmente pela qualidade de seu conteúdo. Atualmente, o periódico é disponibilizado mensalmente nos formatos impresso e digital. Sua principal característica é pensar as mudanças da arte, comportamento e sociedade fora do eixo sudestino e sem o imediatismo característico do jornalismo diário.

É inegável que, para compreender a representação feminina no Brasil, não podemos nos ater apenas ao fato de haver ou não mulheres em determinada cobertura. É preciso, cada vez mais, entender a composição desigual da sociedade brasileira que marginaliza e estigmatiza minorias também a partir da mídia (Veiga da Silva; Moraes, 2019). Portanto, nem todas as mulheres são vistas ou tratadas da mesma forma e que, por isso, fazer uma análise que traga a interseccionalidade (Crenshaw, 2002) como um conceito central é imprescindível, já que assim podemos identificar como as dinâmicas de opressão, discriminação e desigualdade de gênero se relacionam.

Em relação às reportagens selecionadas, a escolha se deu a partir de edições disponíveis adquiridas por meio de edital de apoio à pesquisa disponibilizado pela Universidade Federal de Mato Grosso. A metodologia utilizada para a análise foi a Pesquisa Exploratória (Bonin, 2012) que consistiu na coleta de material e familiarização com o tema. Posteriormente, também utilizamos a Análise de Conteúdo (Bardin, 2006) a partir das três etapas citadas pela autora: 1) pré-análise; 2) exploração do material, 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, o que exige constante revisão bibliográfica acerca do tema para analisar os resultados e embasar as estratégias metodológicas.

As duas reportagens escolhidas para a presente análise são “Corpo: pelo direito à nudez sem censuras” da edição nº142 de outubro de 2012 e “Gordofobia: por conta de padrões sociais rigorosos, os corpos volumosos são relegados à exclusão” da edição nº175 de julho de 2015. É importante ressaltar que este resumo faz parte de uma pesquisa de iniciação científica que estuda, ao todo, nove reportagens especiais da *Contínente*.

A capa da edição nº142, de outubro de 2012, traz a chamada “Corpo: pelo direito à nudez sem censuras” ao lado da fotografia de uma mulher branca que tem por volta 60 anos. Ela está nua, sentada de perfil em uma cadeira. A luz gera uma sombra e permite que vejamos apenas metade do seu corpo. Ela olha pra cima e abraça com uma das mãos o seu ombro.

Ainda no editorial, o tom da reportagem especial já fica claro: discutir sobre a nudez feminina e os preconceitos da sociedade que quer mulheres pudicas e virginais. “Ainda pesa sobre a mulher, que precisa escolher entre ser santa ou diaba, a decisão: ela será perfeita e jovem, sem mácula (o que significa dizer: não será gorda, não terá estria, celulite ou ruga)” (Continente, 2012, p. 1). A reportagem é de Gianni Paula de Melo e abrange quatro textos principais, são eles: “Toda nudez será...” (Continente, 2012, p.22); “...Castigada” (Continente, 2012, p. 24) e “...Questionada” (Continente, 2012, p. 26).

O título do primeiro texto faz uma alusão à peça “Toda nudez será castigada” (1965) de Nelson Rodrigues e a imagem escolhida para acompanhá-lo é a reprodução da pintura Maja Nua, de Francisco Goya, pintor do romantismo espanhol. Ela mostra uma mulher branca que está deitada nua em uma cama, ocupando uma página dupla. Ao longo da reportagem, aparecem outras seis imagens, a primeira dela é uma gravura do artista britânico John Collier, que representa a figura mitológica de Lilith, mulher que teria sido a primeira esposa de Adão. Ela representa ideais de protagonismo e autonomia que por vezes são associados a indecência e libertinagem, fruto da demonização dessa figura que foi criada assim como Adão e não com o objetivo de servi-lo. A seleção das imagens varia entre fotografias que trazem aspectos referentes à erotização dos corpos femininos feitas pela mídia, fotografias ou de coletivos. Em nenhuma das fotografias analisadas nas reportagens aparece uma mulher negra, algo que também não é discutido ao longo do texto.

A primeira parte “...Castigada” traz, logo no início do parágrafo, uma fala de uma participante do programa TV Mulher, apresentado por Marta Suplicy. Assim se inicia o texto que traz um panorama histórico da construção social que divide as mulheres em “cachorras” ou “santinhas”. Em seguida temos “...Questionada” (Continente, 2012, p. 26), que fala a respeito da relação entre a mídia e a nudez feminina, ora erotizada, ora instrumento de protesto. E, por fim, a “Respeitada” (Continente, 2012, p. 28) que também

se inicia com a fala de uma participante do programa TV Mulher de Marta Suplicy. Ao todo, foram utilizadas diversas fontes documentais, especialmente livros, e apenas três fontes pessoais que podem ter sido ou não entrevistadas, o que não fica claro no texto. São elas: Natália Barros; Karina Buhr e a fotógrafa Joana Pires. A reportagem trabalha com oito fontes documentais, especialmente livros e dois trechos do programa da TV Mulher. Como fontes pessoais, foram escolhidas apenas três entrevistadas, mas apenas uma aparece nas fotografias dispostas ao longo das páginas da reportagem, o que demonstra um certo distanciamento em relação ao leitor. Em relação à seleção das imagens, em nenhuma das fotografias analisadas nas reportagens aparece uma mulher negra, algo que também não é discutido ao longo do texto.

A capa da edição nº175 traz a chamada “Gordofobia: Por conta de padrões sociais rigorosos, os corpos volumosos são relegados à exclusão” ao lado de uma fotografia de Fernanda Magalhães. A artista está sentada ao ar livre, nua, e segura um troco nas mãos enquanto olha para baixo. Ao abrir a revista, na sessão “Aos leitores” (Continente, 2015, p.3), o veículo já aponta uma característica desta reportagem especial - marcada majoritariamente por fontes femininas e imagens de mulheres. A Continente, então, deixa claro que isso não é aleatório e traz uma constatação de um dos textos da cobertura: “que este não é apenas um problema [gordofobia] que atinge aqueles que estão fora dos padrões de beleza e de saúde vigentes, mas que penaliza sobretudo o feminino”.

Tendo isso em mente, o tema é trabalhado pela jornalista Luciana Veras em duas reportagens e uma entrevista. A primeira reportagem tem como título “Gordofobia” (Continente, 2015, p. 22) e explica de que maneira esse preconceito se expressa, especialmente para as mulheres. A fotografia que abre a reportagem é ocupa uma página dupla e mostra duas pessoas nuas sentadas em uma cama, eles estão abraçados e de olhos fechados. A autora da imagem é Substantia Jones - fotógrafa norte-americana entrevistada nesta edição. Ao longo deste primeiro texto, aparecem outras cinco fotos de pessoas citadas na reportagem do filme FilmeFobia (2009). Uma delas é de uma performance de Fernanda Magalhães que posa nua para ensaios fotográficos em ambientes públicos.

Quanto às fontes, ao todo, seis foram de fato entrevistadas para a reportagem. São elas: Elaine Müller; Kiko Goifman; Substantia Jones; Simone Mazzer; Roberta Mélo e Fernanda Magalhães (artista paranaense que está na capa da edição). O segundo material dessa cobertura é uma entrevista com a fotógrafa Substantia Jones e traz em destaque uma de suas falas já no início “Subverter a fotografia é eficaz para criar visibilidade para pessoas gordas” (Continente, 2015, p.30). As cinco perguntas presentes na edição giram em torno do The Adipositivity Project, iniciativa idealizada pela entrevistada que consiste em realizar ensaios de pessoas gordas e divulgá-los com o intuito de “combater a intolerância” e a gordofobia.

Por fim, o último material dessa cobertura é a reportagem “As representações ideológicas do corpo” que discute principalmente a respeito de como a ideia de beleza na arte, ao longo do tempo, se modificou. Padrões que anteriormente eram associados à riqueza e prosperidade na Idade Média, hoje são rechaçados pela indústria cultural. Outro ponto relevante apontado por um dos entrevistados é que “Ao longo dos séculos, a quantidade de homens que produzem um olhar sobre os corpos de mulheres é infinitamente maior do que ao contrário” (Continente, 2015, p.33).

Ao todo, sete fontes foram entrevistadas para a construção da reportagem. São elas: Vinícios Ribeiro; Fernanda Magalhães; Elaine Müller; Thiago Stivaletti; Bernardo Vieira; Telma Ferreira e Luciana Miranda. Nesta reportagem, estão presentes cinco imagens que contextualizam o que é dito ao longo do texto. A primeira e maior delas é uma reprodução da pintura Benefits Supervisor Sleeping de Lucien Freud. Já outras duas imagens, menores, trazem reproduções de uma pintura de Renoir, da série com mulheres saídas do banho, e Banho Turco, de Ingres.

Considerações finais

As duas coberturas analisadas neste estudo mostram temas importantes como a nudez e a gordofobia e ainda nos anos 2012 e 2015 buscam ir além do senso comum e aprofundar essas discussões. No entanto, a Continente peca em alguns momentos ao não trazer aspectos que aprofundem essas discussões, especialmente a nem se quer citar como as vivências de mulheres racializadas acontecem nesses contextos abordados. Essa ausência

demonstra uma problemática em relação a uma revista que não só se propõe regional, como também nacional, e também pode ser um indício de que a Contínente, na década passada, não enxergasse mulheres racializadas como seu público e como a feminilidade genérica a que se refere, na verdade, é uma feminilidade branca. Isso fica evidente tanto na edição 142 quanto na edição 175.

É importante ressaltar que no período, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que 51,3% da população feminina do país era constituída por mulheres pretas, pardas, amarelas ou indígenas. No entanto, essas mulheres não aparecem nas coberturas da revista. Ainda sobre a edição 175, afinal, não é possível desprender a gordofobia de uma questão de renda e classe, especialmente em um país desigual como o Brasil. Nesse sentido, aspectos que perpassam a vivência de pessoas gordas e pobres não são sequer citados ao longo das coberturas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BONIN, J. A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 15, n. 37, p. 121–127, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809>. Acesso em: 4 jun. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. Estudos Feministas, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

MELO, Gianni Paula. TODA NUDEZ SERÁ... CASTIGADA. Revista Contínente, impresso, ed.142, outubro, 2012.

MORAES, Fabiana; SILVA, Marcia Veiga. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2024.

VERAS, Luciana. Gordofobia. Revista Contínente, impresso, ed. 175, julho, 2015.

VOGEL, D. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e anacronias. In: TAVARES, Frederico de Mello B. SCHWAAB, Reges. A revista e seu jornalismo. Porto Alegre, 2013.